

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, MAIO/2012 - ANO XV - Nº 184

Foto Arquivo Pró-Memória

EDITORIAL

Um dos assuntos que vem ganhando cada vez mais espaço nos meios de comunicação, nos últimos meses, é a crescente corrupção na esfera pública.

Com a aproximação das eleições municipais de outubro, este assunto ganhou maior evidência. Os brasileiros estão atentos a esse mal que corrói as administrações públicas e querem dar um basta a esses desvios. Cansaram de ser extorquidos e desejam que os futuros administradores dos municípios sejam pessoas integras, com conhecimento em gestão pública e comprometidos com a transparência.

Pelos meios de comunicação assistimos, estarrecidos, a sucessivos escândalos, com desvio de dinheiro público nas capitais e grandes cidades. No entanto, nos pequenos municípios não é diferente. Também neles a corrupção avança sobre os cofres públicos, como apontam investigações da Controladoria da União. A mídia mostra que a fraude e os desvios de recursos em prefeituras de cidades do interior são tão nocivos à população quanto aos grandes malfeitos de repercussão nacional.

A corrupção miúda, que não desvia milhões, mas leva propinas em pequenos contratos, é tão nociva quanto os grandes esquemas, de intensa repercussão, e alvos de investigação nacional. De acordo com o Programa de Fiscalização da Controladoria Geral da União, os problemas constatados são, entre outros: obras inacabadas ou paralisadas, apesar de pagas, uso de notas fiscais frias e documentos falsos, simulação de licitação ou irregularidade no processo de licitação, incluindo a participação de empresas fantasmas, superfaturamentos de preços, falta de merenda escolar e de medicamentos, gastos sem licitação, não comprovação da aplicação de recursos, favorecimento de empresas...

Para contribuir com a transparência nos municípios, já nessas eleições será aplicada a Lei da Ficha Limpa, um instrumento que, certamente, inibirá a corrupção e a gastança desenfreada dos recursos públicos. A transparência nos gastos é uma arma eficaz no combate à corrupção e encurta o fosso que separa promessas de ações.

Para a próxima eleição o eleitor deverá estar atento ao escolher o candidato ao cargo majoritário no município.



As eleições municipais têm característica própria em relação às demais, por colocar em disputa os projetos que discutem os problemas mais próximos do povo: educação, saúde, segurança, trabalho, transporte, moradia, ecologia, lazer.

Mensagem da CNBB sobre as eleições 2012

Em mensagem dirigida à população, os bispos brasileiros, reunidos em Aparecida no último mês de abril, em sintonia com os importantes acontecimentos que marcam o país neste ano, especialmente as eleições municipais em outubro, convocam todos os eleitores a exercerem um de seus mais expressivos deveres de cidadão: o voto livre e consciente.

Inspirados nas palavras do papa Bento XVI, o qual afirmou que a sociedade justa, sonhada por todos “deve ser realizada pela política”, e que a Igreja “não pode e nem deve ficar à margem na luta pela justiça”, os bispos brasileiros conclamaram todos a participarem do processo político eleitoral.

As eleições municipais têm característica própria em relação às demais, por colocar em disputa os projetos que discutem os problemas mais próximos do povo: educação, saúde, segurança, trabalho, transporte, moradia, ecologia, lazer. Trata-se de um processo eleitoral com maior participação da população porque os candidatos são mais visíveis no cotidiano dos eleitores. A sua importância é proporcional ao poder que a Constituição de 1988 assegura aos municípios na execução de políticas públicas.

Nos municípios, manifestam-se também as crises que o mundo atravessa, incluindo

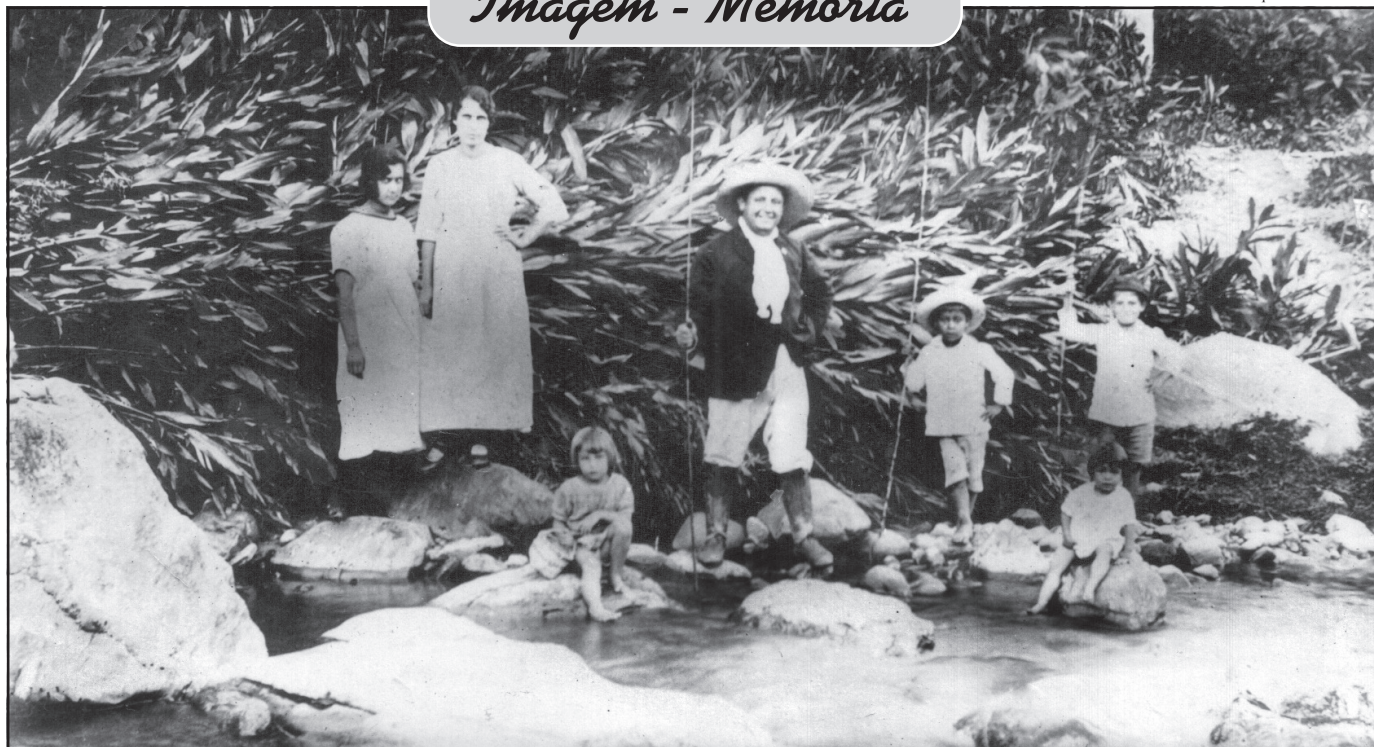
a democracia. Isso torna ainda mais importante a missão de votar bem, ficando claro para o eleitor que seu voto, embora pessoal e intransferível, tem consequências para a vida do povo e para o futuro do país.

As eleições são, portanto, momento propício para que se invista, coletivamente, na construção da cidadania, solidificando a cultura da participação e os valores que definem o perfil ideal dos candidatos: histórico de vida coerente com o discurso político e referendado por honestidade, competência, transparência e vontade de servir ao bem comum. A análise desses valores deve ser farol a orientar os eleitores, que, em retorno, devem se manter em contínuo diálogo com o poder local e suas comunidades.

Ajudam-nos nesta tarefa instrumentos como as leis de iniciativa popular contra a corrupção eleitoral e a compra de votos conhecida como Lei da Ficha Limpa. Aos eleitores, cabe-lhes ficar de olhos abertos para a “ficha” dos candidatos. Da sociedade espera-se a mobilização, como já ocorre em vários lugares, explicitando a necessidade de a “Ficha Limpa” ser aplicada também aos cargos comissionados, para ainda maior consolidação da democracia. Desta forma, dá-se um importante passo para se colocar fim à corrupção que envergonha nosso país.

Imagem - Memória

Fotos arquivo Pro-Memória



Era comum famílias inteiras se arrancharem às margens do Ribeirão do Piquete para piqueniques e pescarias. Parece mentira, mas ele era piscoso – bagres, traíras, mandis, lambaris e carás povoavam suas águas. Na foto de 1924, o mestre José Corrêa com esposa e filhos, prontos para a pesca.

O Ribeirão do Piquete

Até o início do século 20, o ribeirão do Piquete era conhecido como ribeirão do Embaú. A razão deste nome é de fácil dedução: após percorrer o perímetro urbano da pequena Vila do Piquete, a ele se juntavam os ribeirões Itabaquara e Passa-Quatro, em direção ao povoado do Embaú.

O ribeirão do Piquete tem suas nascentes na Mantiqueira. Eram inúmeras, que se juntavam concorrendo para engrossar seu volume, de maneira que o Piquete descia caudaloso, barulhento, rolando seixos... Era até perigoso em certos trechos. No seu trajeto formava profundos remansos, cujos poços – da Figueira, da Laje, da Raia, da Estação, do Vidinho, do Poço Fundo e da Volta – serviam de piscina natural para os moradores se banharem nos fins de semana ou se refrescarem nas tardes de verão. Era comum famílias inteiras se arrancharem em suas margens para piqueniques e pescarias. Muitas crianças aprenderam a nadar em suas águas. Parece mentira, mas era piscoso – bagres, traíras, mandis, lambaris e carás povoavam suas águas. Em suas margens, era comum avistar frangas d'água, garçotas, paturis, martins-pescadores...

O ribeirão do Piquete teve seus dias de glória até o final da década de 1930. A partir de então, fatores adversos atingiram seus

dois principais afluentes formadores: os ribeirões Benfica e Sertão. Com a abertura da rodovia Lorena – Piquete – Itajubá, várias trilhas adjacentes à estrada cortaram o Benfica, que passou a receber toda espécie de dejetos, além do desmatamento em suas cabeceiras, erosão de encostas com grande carga de sedimentos; tudo isso concorreu para a diminuição de suas águas. O mesmo aconteceu com o Sertão, com resíduos químicos lançados em suas águas pela Fábrica, em expansão por essa época. Paralelamente a tudo isso, ocorreu o crescimento e a expansão urbana da cidade, com o surgimento de novas vilas, que foram se espalhando nas baixadas e nos flancos dos morros. Por essa e outras razões, o ribeirão do Piquete transformou-se num minguado filete de água, assoreado e sufocado por esgoto e toda espécie de detritos domésticos. Seu volume diminui a olhos vistos, perde força a cada ano.

Sem cuidados especiais, o ribeirão do Piquete agoniza e findará bem depressa se não nos voltarmos para a preservação e recuperação de suas nascentes e margens. A preservação das nascentes ajuda a garantir a qualidade e a quantidade de água de nossos córregos e rios, em especial os que contribuem para o abastecimento. Os

governos têm voltado os olhos para ações que resultem na preservação ambiental. O problema da escassez de água potável no mundo é grave e preocupa os países. Nas últimas décadas, tem-se discutido, em diferentes fóruns, mecanismos de preservação, garantindo para as gerações futuras água de qualidade. É preciso que mudemos urgentemente nossa relação com o ribeirão do Piquete. Precisamos nos conscientizar da necessidade de se proteger a bacia hidrográfica daquele que é o principal curso d'água do município. Precisamos adotar o ribeirão do Piquete para que ele, como no passado, proporcione beleza estética, mate a sede e concorra para a melhoria da qualidade de vida dos piquetenses.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Airton

Airton Ribeiro da Costa é filho de Antônio Ribeiro da Costa e Gersey Maria da Silva Costa, tradicional família de Piquete, do bairro da Caixa D'Água – “Bairro de carretel... Só tem gente de linha...”, ressaltando, orgulhoso do local onde nasceu e passou toda a infância e adolescência. Airton é o sétimo entre nove irmãos.

O futuro Chefe do Estado Maior do Comando de Policiamento de Área do Interior começou seus estudos no Grupo Escolar Antônio João. Daquela tradicional escola piquetense, citou as professoras Rita Câmara, Conceição Vieira e Wanda Guedes. Continuou sua formação na Escola Industrial da FPV e no Colégio Estadual, com os professores Silvão, Odaísa Frota, Betinho Luz, Luiz Pantoja, Candinho, Eurico Fernandes... Alguns de seus colegas de escola foram: Arnaldo Bevilacqua, Regina Lúcia Ramos, Doralice e Renato, esses dois últimos filhos do senhor Armando alfaiate. Airton cursou, ainda, um ano de Magistério, ao longo do período em que serviu no Contingente 2/12 da Fábrica Presidente Vargas... A carreira que atraiu, entre outros, os amigos Bosco Araújo, Rosalba e Rosângela Masieiro não era o que Airton realmente queria. Ingressou, então, em 1973, na Escola Superior de Educação Física de Cruzeiro (ESEFIC). “Era uma escola com professores renomados e de excelente qualidade”, diz. Airton conta que a ESEFIC era subsidiada pela Prefeitura de Cruzeiro, o que garantia mensalidades menores, “bancadas pelo meu irmão Toninho... As passagens me eram pagas pela minha irmã Marlene...”. Em 1974, no entanto, a prefeitura cortou o subsídio e os melhores professores não foram mantidos. Movido, então, pela busca da excelência, transferiu-se para a Faculdade de Educação Física de Sorocaba. “Além disso, eu queria um emprego...”, afirma. E assim foi: em Sorocaba começou a trabalhar na Companhia Nacional de Estamparia, como porteiro. Durante o curso de Educação Física, chegou à tesouraria.



Formado em 1975, prestou concurso para a Academia do Barro Blanco, formadora dos oficiais da Polícia Militar. “Estava com 23 anos e era o último ano em que poderia ingressar...”.

Bacharelou-se em 1978, em Ciências Policiais. Observa-se em Airton a seriedade de um militar que privilegiou sua formação na busca do sucesso profissional: cursou, ainda, Direito, na UNISAL, da qual foi aluno da 1ª turma, pós-graduação na UNITAU e mestrado... E não parou: fez também o Curso Superior de Polícia, que equivale a um Doutorado em Ciências Policiais de Segurança e Ordem Pública.

Com poucos anos de serviço militar, foi transferido para o recém-criado Batalhão de Cruzeiro, que ajudou a estruturar. Com a transferência para Lorena, acompanhou o Batalhão, em 1981.

“Passei minha vida profissional toda na região... A atividade militar é um sacerdócio... É muito gratificante ter a oportunidade de ajudar a população. Nessa função, presta-se muita assistência social... Esta é a parte mais importante de minha carreira e orgulho-me dela, não deixando o lado de repressão e controle criminal, é claro... Foram 35 anos de trabalho e bons serviços na Polícia Militar...”

Com atuação em toda a região, Airton citou os quinze dias que passou no Pico dos Marins, na busca pelo escoteiro Marco Aurélio, curioso caso que é mistério até hoje.

Em 6 de novembro de 1976, num baile de Mini Miss Piquete, conheceu Inolá Soares, com quem se casou em 20 de junho de 1980. Tiveram dois filhos: Bruno e Letícia.

Com uma ilibada carreira profissional, Airton demonstra postura e seriedade militares, sem conseguir esconder o “menino carretel” da Caixa D'Água. Sua mensagem é clara: educação é a base para se manter na linha e crescer pessoal e profissionalmente.

Paisagem ainda maravilhosa

Já não és para mim a Cidade Paisagem da minha infância,

Aquela que cartazes na estrada, anúncios pintados na frieza das tintas, propagandas feitas somente para te vender, feito um cartão postal comum, como mil outros iguais e sem vida, era anunciada aos visitantes e alardeada aos quatro cantos.

Hoje, ainda as frases feitas se repetem, mas sem que te renovem.

Agora, és sim, cidade lembrança da paisagem, do verde, da beleza natural e dos sonhos de uma vida aqui nascida.

E foi na saudade, na vontade de rever os montes do teu caminho,

As montanhas que te fazem fundo, que aos olhos parece pintura emoldurada,

Que te reconheci assim, calcada em mim. De maneira surpreendente,

O verde-azulado dos teus montes cobertos de florestas, o amarelo frágil dos ipês solitários que adornam o caminho que te traz de volta. Isso está gravado nas lembranças.

As tuas ruas sossegadas, teu tranquilo viver, as pessoas que em ti ficaram, e outras que voltaram.

Tudo isso provoca um misto de alegria e de tristeza.

Porque a maravilhosa paisagem quase sucumbiu ao tempo, aos desmandos, aos maus tratos da indiferença e do desleixo,

Da pouca vontade de te preservar e te melhorar para as futuras gerações.

Mas fica em mim a esperança de que ressurgas como fênix e novamente sejas a cidade paisagem que muitos conheceram, e volte a ser não só um cartão postal, um slogan,

Mas a paisagem real da vida de muitos que ainda se lembram de ti e sentem saudades da tua presença em suas vidas.

Lorena, maio/2012

Eunice Ferreira



Quando passava o Cisne Branco

A passagem do Cisne Branco singrando os mares era pura emoção.

O Cisne Branco, dobrado majestoso da Marinha Brasileira, era tocado com esmero pela Banda da Fábrica Presidente Vargas. Nenhuma nota dissonante.

Os músicos, funcionários da Fábrica, eram rigorosamente selecionados pelo maestro exigente, cuja educação, particularmente a musical, fora ministrada pelo pai num aprendizado realizado à exaustão, com lágrimas incontidas de criança em tenra idade, boca inchada e lábios sensíveis para soprar a elegante clarineta. Tempos árduos, de pequenas compensações. Muito trabalho e vida espartana, isto é, essencialmente disciplinada.

Mas prevaleceu de Mnemosine a memória da Banda da Fábrica, perfilada nos uniformes azuis bem engomados, limpos e orgulhosamente portados por seus possuidores, os músicos dedicados. Mnemosine é a musa da memória e protetora da História.

A Banda passava. O público, atento, disputando os lugares nas filas, ao longo das calçadas. Ato celebrativo das comemorações em nome da pátria e do ideal nacional modulado pelo som vibrante dos acordes marciais. A vibração ficou no tempo, reverberando, acionando, colorindo. O colorato do andante com brio que levantava espíritos e incendiava as almas. Poucas bandas da época foram tão afinadas e preparadas. Os elogios se acumulavam nas presenças hierárquicas que compareciam aos atos cívicos do estabelecimento fabril estratégico. Ato épico recíproco do bélico, a invocar a paz, beneplácito das guerras que se anunciariam nos limites da nação ou fora dela. Ou nelas justificado pelo aprazimento

e pacificação. Desde os velhos filósofos gregos, o aforismo de que para ter a paz é preciso fazer a guerra.

Um dia, destes que se intercalam aos muitos, mas sempre insuficientes, ao sair da Biblioteca Nacional, na Cinelândia, no Rio de Janeiro, deparei-me com a fachada monumental do Teatro Municipal, joia rara de nossa arquitetura. E eis que se anunciava a comemoração dos 150 anos da Marinha, com convites anteriormente distribuídos entre os postos hierárquicos e familiares. Sempre sobram alguns pela falta de procura ou confirmação. Aproximei-me da jovem tenente lindamente uniformizada de branco. Solicitei-lhe um convite e apresentei-me como pesquisadora da História Nacional em nível de mestrado da Universidade de São Paulo. Mostrei-lhe meu cartão de prova com o número correspondente. Ela consultou um dos organizadores do evento. Pouco depois, deu-me o convite, que agradei com entusiasmo. Ocupei meu lugar. Vi sucederem-se oradores, cantores e toda uma cerimônia com o pronunciamento dos portadores de altas patentes: o ministro, almirantes, capitães-de-mar-e-guerra e outros tantos. Até que chegou a vez da entrada em cena da Banda dos Fuzileiros Navais. Perfeita nos uniformes, execução musical, acordes e afinação. Foi apresentado o Cisne Branco. Transporte-me para Piquete ao som de nossa Banda tão perfeita quanto. A emoção foi máxima ao situar na memória afetiva o maestro, meu pai, José de Castro Ferreira.

Era março. Mês do aniversário dele.

Dóli de Castro Ferreira

Banda de Música da Fábrica de Piquete, em 1939. À esquerda, o maestro José de Castro Ferreira.



Fotos arquivo Pro-Memória

Laços de afeto

Dóli de Castro Ferreira

Em Piquete, 8 de abril de 2012, domingo de Páscoa, no largo da Estação Rodrigues Alves, dia de festa na casa do “seu” Dito, dona Maria, Regina e o irmão e os sobrinhos, além de muitos amigos. Entre eles, Fátima Amaral, sobrinha da Celina de Barros. Na verdade, a já tradicional festa da queima do judas, transformada pela família em símbolo de afeto, com a distribuição de balas, pirulitos, pipocas, até moedas, com direito a prêmio especial. Além do algodão doce e muitos presentes para os adultos.

Fátima lembrava Celina enquanto homenageava Regina, a professora Regina, incansável na organização da festa e na distribuição das guloseimas. Realmente admirável esse encontro de amigos, cujos laços afetivos se transmitem por gerações. Encontro de pessoas de todas as idades em respeito mútuo, carinho e expressões felizes de sorrisos largos. Seu Dito, com o sorriso cada vez mais amplo, 91 anos e mais de 60 de festa. Detalhe importante para quem vive em ambientes de sorrisos difíceis e forçados ou de apenas comisseração.

Dona Maria, a pele clara, os intensos olhos azuis, se renova cada vez mais, e da alegria contagiante, nos comove a todos. Doação total. A festa, ruidosa, vencia o tempo e fazia mais prazeroso o domingo. Realmente no símbolo pelo qual é proposto, o da Páscoa, da irmanação.

Símbolo da partilha entre os irmãos, a Páscoa dá a Cristo a dimensão humana que o qualifica como Salvador da espécie humana, no perdão e no resgate do pecado original pela culpa de Adão em perder o Paraíso. Instalado em nosso imaginário, esse símbolo cristão dimensiona o homem como beneficiário de Deus que se humaniza sem perder a divindade.

Reforçados os elos da sociedade por essas reuniões ruidosas da queima do judas, mas animada pela distribuição de apetitosos produtos, a Páscoa é realizada. Entendendo essas propostas, a família de Regina recebe os amigos e faz de sua casa um ponto de encontro aprazível – é agradável lá estar em companhia de toda aquela gente boa que não finge, mas se abre de todo o coração.

Parabéns, “seu” Dito, dona Maria, Regina e todos os que, localizando Piquete no mapa dos afetos, dão-nos a confiança e a crença nesse nosso povo simples e esperançoso.

No movimento causado pela epifania, a revelação demonstrada foi como a explosão de beleza num vaso de flores. O registro de felicidade no brilho dos olhos de dona Maria e o largo sorriso de “seu” Dito contrapontaram os suores da Regina sob o intenso calor do meio dia sonorizado pelo espocar dos foguetes sublimando a Páscoa.

Politicamente incorreto...

A internet nos proporciona momentos deliciosos: dias desses estava eu assistindo a vídeos antigos de “Os Trapalhões”, com os saudosos Zacarias e Mussum... Nada mais politicamente incorretos do que o Zacarias travestido de mulher e o “negão” e “bebum” Mussum com seus trejeitos... Imaginem aquelas cenas hoje em dia... Bastaria o Mussum aparecer como pobre e bêbado para os grupos “anti-isso” ou “anti-aquilo” dizerem que os direitos dos negros e dos alcólatras estavam sendo desrespeitados... Desculpem-me os politicamente corretos, mas é bobagem pura. Depois de rir muito, fiquei pensando: seriam “Os Trapalhões” aceitos pelos politicamente corretos de hoje?

Recentemente, li uma entrevista do escritor Luiz Felipe Pondé, em que ele fala sobre o tema “politicamente incorreto”. Desconsiderando o marketing necessário para a venda de seus livros (os diversos “Guias Politicamente Incorretos...”), identifiquei-me com seus comentários. Ele conseguiu traduzir o que já acreditava há muito tempo: o policiamento do politicamente correto torna-se uma censura à criatividade, à liberdade de expressão. Disse ele: “A intenção (...) é levantar um debate apontando como o politicamente correto, nascido de uma preocupação que não deixa de ser consistente, se transformou numa verdadeira censura fascista do pensamento público”. É exatamente isso...

Tudo hoje em dia tem um “grupo”, uma “união” que defenda seus direitos... E concordo plenamente, afinal isso é democracia... Mas acho que estamos chegando a um ponto perigoso: o do excesso de democracia... Temos tanta liberdade de agir ou de ter nossos direitos respeitados, que acabamos por tolher os direitos dos outros... Um exemplo tolo, mas muito real e politicamente incorreto: um chefe não pode se dar o direito de oferecer flores à sua subordinada; corre o risco de ser processado por assédio sexual... Outro: uma criança chamando outra de “bolinha”, de “quatro-zóio” no Jardim da Infância... Até há alguns anos era resolvido com uma briguinha entre crianças... Hoje, seria tratado como *bullying* e motivo de processo também...

Esse assunto renderia muitas laudas (termo muito usado pelo Yeyé... eheh), mas a conclusão é – em minha opinião, é claro – uma só: o bom-senso está sendo vencido e dando lugar aos interesses deste ou daquele gueto... E o termo gueto já diz tudo... Portanto, vamos nos respeitar, vamos nos amar... Busquemos nossos direitos, é claro, mas, acreditem, um pouquinho de politicamente incorreto não ‘mata’ ninguém.

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Cera virgem de abelha generosa

Durante todo o tempo pascal, iniciado com a Vigília de Páscoa, na noite do sábado santo, e celebrado por cinquenta dias, até findar na festa de Pentecostes, encontra-se nas igrejas o Círio Pascal, um símbolo muito simples e ao mesmo tempo repleto de significado.

O Círio Pascal é aquela grande vela que é acesa na noite de Páscoa e permanece acesa a nos recordar o Cristo Ressuscitado, até que os cristãos celebrem o dia em que, segundo as Escrituras, o Espírito Santo foi recebido pelos primeiros discípulos de Jesus, dando início à caminhada da Igreja. Nessa vela podemos observar algumas inscrições: há uma cruz que nos recorda a morte do Senhor, que foi vencida; entre os traços da cruz estão os algarismos do ano atual (neste ano encontramos 2012), que indicam que Jesus é o senhor do tempo e da história. Acima da Cruz está inscrita a primeira letra do alfabeto grego, o alfa (ά), representando que Jesus é o princípio de todas as coisas, não simplesmente o princípio cronológico, mas ontológico, a partir do qual a existência deve dar-se e ordenar-se. Abaixo da cruz há a letra ômega (Ω), indicando que Jesus é o fim de todo o ser e agir, a meta para a qual converge todo o existir.

A grande vela que nos ilumina durante os cinquenta dias de celebrações pascais é um forte símbolo da humildade vivida por Cristo e proposta aos seus discípulos de todos os tempos. A luz do Círio vive em virtude do sacrifício: a vela ilumina consumindo-se a si mesma; dá luz, dando-se a si mesma. É uma bela maneira de a Igreja refletir sobre o mistério pascal de Cristo, que, por sua entrega até a morte deu vida ao mundo, e refletir também sobre sua missão de gerar vida através do serviço e da doação no seguimento de Jesus.

O fogo que consome o Círio Pascal também nos lembra Cristo. O fogo é a força que plasma o mundo, transforma as coisas,

purifica e queima o mal. Remete-nos ainda ao calor amoroso e à bondade de Deus revelados nas obras e palavras de Jesus de Nazaré.

Na vigília pascal, a Páscoa é proclamada solenemente por meio de um grande hino, o Precônio, entoado pelo diácono, ou, em sua ausência, pelo presidente da celebração. Nesse hino há um trecho em que se canta: “A cera virgem da abelha generosa ao Cristo ressurgido trouxe a luz / eis de novo a coluna luminosa que o vosso povo para o céu conduz.” Essa pequena citação chama nossa atenção para outra significativa simbologia do Círio Pascal. O material utilizado na confecção da vela a ser consumida pela chama que ilumina e dissipa as trevas se fica a dever, em primeiro lugar, ao trabalho das abelhas. Há aí uma alusão à Igreja, na qual a cooperação da comunidade viva dos fiéis é semelhante ao trabalho das abelhas: constrói a comunidade da luz. Dessa maneira, o Círio aceso em nossas igrejas é também um constante apelo dirigido aos cristãos para que trabalhem unidos e mantenham a comunhão fraterna, a fim de que a luz, que é Cristo, possa resplandecer na Igreja.

Em poucos dias, com a celebração da Festa de Pentecostes e o fim do tempo pascal, o Círio Pascal será retirado de nossas igrejas. Muitos cristãos ficam a se perguntar: Esse símbolo não poderia permanecer constantemente em nossos templos a nos recordar da ressurreição do Senhor? A Igreja retira o Círio Pascal do espaço de celebrações para que compreendamos que a luz do Cristo, que nos iluminou durante os cinquenta dias de celebrações pascais, deve agora brilhar no mundo por meio dos cristãos, que, dia após dia, vão sendo consumidos na prática das boas obras que brilham como a chama do Círio diante da humanidade e iluminam as trevas do mundo.

Pe. Fabrício Beckmann



Foto arquivo Pro-Memória

Crônicas Pitorescas

Sanduíche confortável...

Palmyro Masiero

Era um grandíssimo gozador! Adjetivo melhor que este para qualificar este cara-de-pau é meio difícil encontrar. Primeiro, chegou em hora imprópria, e, segundo, de cara cheia. Chegou, explica-se, na casa de um seu amigo, colega de serviço, que morava na cidade vizinha, por volta das onze horas de uma belíssima manhã de domingo. Bateu à porta:

– Olá, companheiro!

– Olá, respondeu seu amigo com um “o” inicial veemente, que, bem rápido, escorregou do entusiasmo, chegando a um magérrimo “lá”, quando notou o estado do visitante.

– Olha, companheiro, eu vou pra casa no próximo ônibus e, como falta ainda muito pro seu horário e eu estou com uma fome danada, lembrei-me de vir a sua casa pra ser convidado para o almoço.

– Mas hoje é domingo... veio a ponderação do outro.

– Uai, e não se come nesta casa aos

domingos?

– Não, não é isso... É que hoje é ajantarado... O almoço só fica pronto ali pelas duas da tarde...

– Ô diacho!... Até lá eu não posso ficar, pois não tenho outra condução pra voltar...

– Realmente é uma pena que isso aconteça, mas fica para uma próxima vez...

– É, realmente...

Por uns segundos o visitante permaneceu olhando o vazio. Encontrou uma solução à qual seu amigo se rendeu incondicionalmente. Reconheceu que perdera a parada e mandou o mamado entrar, o que ele fez meio cambaleante:

– É, realmente... Você fica me devendo um almoço para uma outra oportunidade. Mas como estou faminto e tenho que tomar o último carro, você manda me preparar um sanduíche com bastante conforto e tudo fica bem...

E embarcou no ônibus previsto, confortavelmente.

Arvoreta

Edival da Silva Castro

Quando vou à casa de minha sobrinha, na cidade de Piquete, no bairro dos Marins, região bucólica, gosto de ficar no cômodo contíguo à cozinha, onde fica o fogão a lenha. Porque lá se reúne a família e uma janela permanece constantemente aberta dando vistas à rica paisagem, na qual se destaca o majestoso Pico dos Marins, com seus 2422m de altitude.

Cá embaixo, no topo duma colina, uma arvoreta solitária sensibilizou-me. Passei a amá-la mais do que todas as árvores do lugar, talvez pela sua pequenez e solidão. Creio que os pássaros que transitam por lá procuram repousar nela. De vez em quando, uma brisa amena faz com que ela se mova suavemente. Se chove, o seu verde resplandece.

Nas noites enluaradas, quando banhada pela luz frouxa do luar, ela deixa de ser real e vira sonho.

A.A.P.

O encontro desta sigla nas colunas do jornal da terra veio avivar-nos na memória um punhado de recordações já um tanto adormecidas, como um sopro oxigenado que passasse sobre um braseiro já mortício.

E, assim, voltamos até os anos 30, até um domingo qualquer...

A.A.P. – lá estavam as iniciais pintadas nas traves de ambos os arcos. E, enquanto os craques se empenhavam na peleja e a torcida se empenhava no incentivo, quase sempre havia um forasteiro a indagar sobre o significado delas. E a gente, então, agigantava o tórax e avolumava a voz, plastificando-a com timbres de rabecão e de baixo-tuba, para decifrar o logogrifo ao estranho. Mas, a vontade era mesmo de soltar um destampatório sobre o ignorante, aborígine, primitivo, que desconhecia o sentido das iniciais. Pois, então, não sabe que A.A.P. quer dizer Associação Atlética Piquetense? Não sabe? De onde é que você vem, homem? Do Congo Belga? Do Corgo Fundo?

Mas, a essa altura, a indignação já tinha sido abafada por mais uma bola que o Mané Pinto mandara ao fundo das redes do adversário. Redes? Que redes, rapaz? Deixe de lembrar demais! Ou você se refere à tela de arame que protegia o telhado da casa do Zé Miguel contra os bolachos da turma!

Mas era assim mesmo: o campo da A.A.P. era o melhor do mundo. Nem o campo do Estrela, com aquele bambuzal em torno, onde a bola se aninhava a três-por-quatro!

O campo da A.A.P. era o maior! Não tinha porteiros porque não tinha portões. Era chegar e entrar. Os que preferiam arquibancada encarapitavam-se nos bar-

rancos. Os da geral esparramavam-se por detrás dos arcos e pelo lado da rua. Mas a maioria era de cadeira cativa, cadeira própria e intransferível: era só dobrar o corpo e sentar-se nos calcanhares...

E, lá ou cá, o entusiasmo era o mesmo. Torcia-se pra valer. E a rapaziada correspondia: era o Simeão, o Zé Divino, o J. Augusto, o J. Cardoso, o Zezinho Pinto, o ... quem mais, hein? Que a memória já não funciona! Bem, havia, ainda, os irmãos Vieira Soares.

E durante a semana, então! Aí, sim, o campo era da gente. Bastava qualquer um apanhar uma pelota, de couro ou de borracha, e passar pela rua de baixo ou pela rua de cima, era o mesmo que um imã passando entre duas fileiras de limalha de ferro. Quando o dono da bola chegava ao campo, já chegava com um bolo. Um bolo que dava pra formar quatro ou cinco quadros, mas que, realmente, formava dois mesmo, afora os retardatários que ainda tinham vez.

E a pelada esquentava, com o bolo sempre onde estava a bola, com “centeralfé” batendo escanteios, com os esbofados descendo a barranca do lado da rua para beber água da bica, até que o lusco-fusco punha termo ao entrevero. Uns mais arrojados ainda iam dar um mergulho no Poço-Fundo, mas a maioria voltava para casa comentando o jogo de hoje e prometendo desforra no jogo de amanhã.

Depois... Bem, depois vieram as máquinas do progresso e as esteiras dos tratores, mais as cavadeiras mecânicas, mais os rolos compressores, e sulcaram, retalharam, desenterraram, terraplanaram e alcatroaram parte daquele quadrilátero, enterrando naquele chão as alegrias de uma

garotada e as expansões de uma juventude. Só falta, agora, ali, uma santa-cruz entrelaçada com tiras de papel roxo, para simbolizar o finamento de um tempo feliz, do qual só restam lembranças.

Tudo isso se nos ocorreu quando nossos olhos depararam, nas páginas do jornal da terra, com aquela saudosa e alvissareira A.A.P., que foi um pedaço de nossa vida de menino piquetense (...).

Oscar Vieira Soares, em 1959

Oscar Vicente Vieira Soares, filho de Maria José das Dores Soares e de José Vieira Soares, nasceu em Piquete, em 12 de janeiro de 1926.

Fez o curso primário no antigo Grupo Escolar de Piquete. cursou Humanidades e Filosofia, respectivamente, no Seminário Menor de Taubaté e no Seminário Maior de São Paulo. Graduiu-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de São José dos Campos.

Lecionou línguas latina e portuguesa, bem como Literatura Brasileira no Instituto Diocesano de Ensino Santo Antonio – IDESA, de Taubaté.

Escreveu, periodicamente, crônicas literárias para o diário taubateano “A Tribuna”.

Poeta particularmente dedicado ao gênero trova, obteve considerável número de premiações em concursos realizados no Brasil e em Portugal.

Foi membro da Academia Taubateana de Letras.

Casado com a professora-maestrina Neide Silva Áureo Soares, o casal teve duas filhas.

Oscar faleceu recentemente, em 23 de abril de 2012.

A Princesa Isabel e o 13 de Maio

“Houve sol, e grande sol, naquele domingo de 1888, em que o Senado votava a lei que a regente sancionou, e todos saímos à rua. Sim, também eu saí à rua, eu, o mais encolhido dos caramujos, também entrei no préstito, em carruagem aberta, todos respiravam felicidade, tudo era delírio. Verdadeiramente, foi o único dia de delírio público que me lembro ter visto.” Assim Machado de Assis descreveu um dos dias mais importantes da história brasileira: o dia da Abolição dos Escravos.

Era 13 de maio. O Imperador Dom Pedro II estava na Europa em tratamento de saúde, quando a princesa Isabel assinou a lei que acabava definitivamente com a escravidão no país. Ele estava longe de sua terra, mas sabia que a filha fazia história naquele dia.

Por muitos e muitos anos a princesa Isabel foi reverenciada como “Redentora” e considerada santa por ex-escravos e descendentes, e o 13 de Maio comemorado com festas cívicas.

Recentemente, pela qualidade humana e sua atuação política, sempre inspirada pelos princípios do catolicismo, por iniciativa da arquidiocese do Rio de Janeiro, estudos vêm sendo feitos objetivando a possível beatificação da Princesa Isabel. Para tanto, estão sendo analisados milhares e milhares de documentos que subsidiem a abertura desse processo. Os documentos pesquisados até o momento confirmam os sinais de san-



tidade da princesa, três vezes regente do Brasil, associando-se de modo ativo no movimento abolicionista e protagonizando a libertação dos escravos. Estão sendo estudados aspectos da vida da princesa, até então desconhecidos, como a “presença régia dessa mulher – esposa, mãe, filha, irmã, cidadã,” sobretudo, “na sua função de uma governante incansável na consecução de uma causa que se arrastava lentamente no Império desde 1810: a libertação dos escravos pela via institucional, sem derramamento de sangue”.

A vida da princesa surpreende os atuais estudiosos que, a cada dia, vão descobrindo

fatos e feitos poucos conhecidos pelos brasileiros. Também são motivos de estudo cartas, diários e apontamentos que dão a dimensão exata da sua fé católica e de como viveu de modo exemplar e com coerência os princípios e valores do Evangelho, tanto na vida pessoal quanto na pública. Suas opções e decisões, sempre pautadas no humanismo integral, deixaram a certeza de uma vida virtuosa em todos que com ela conviveram. Escritos de intelectuais e autoridades da época e mesmo do século XX, apesar do patrulhamento ideológico e da conspiração do silêncio que sofreu, atestam suas inúmeras qualidades e virtudes. Havia na princesa Isabel uma grande sintonia com a doutrina moral e social da

Igreja, tão bem expressa pelo Papa Leão XIII, com quem ela se correspondia. E com São João Bosco, com quem ela se encontrou pessoalmente em Milão, em 1880.

Em dezembro de 2011, assessores do Vaticano estiveram na arquidiocese do Rio de Janeiro e receberam dados sobre a vida da Princesa Isabel que justificariam a abertura do processo de beatificação. Foi solicitado então um primeiro retrato biográfico para viabilizar os procedimentos visando oficializar o processo, o que vem sendo feito.

AC
Ilustração de Ângelo Agostini publicada na “Revista Ilustrada”, em 29 de julho de 1888.

Rio +20

No próximo mês de junho, os olhares do mundo se voltarão para a cidade do Rio de Janeiro, onde ocorrerá a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável. Também chamado de Rio +20, o encontro marca o 20º aniversário da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, que ocorreu na capital carioca em 1992, e os 10 anos da Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, realizada em Johannesburgo, na África do Sul.

Baseada em três pilares – econômico, social e ambiental –, a Rio +20 tratará basicamente de dois temas: a economia verde no contexto da erradicação da pobreza e a estimativa de governança para o desenvolvimento sustentável no âmbito das Nações Unidas. Estarão presentes Chefes de Estado, de Governo e representante de mais de 150 países.

Este encontro visa a renovar o compromisso mundial em torno da sustentabilidade. O evento será uma oportunidade de avaliar o progresso alcançado nos últimos 20 anos, as lacunas ainda existentes na implantação dos acordos institucionais e os desafios novos e emergentes.

O governo de São Paulo se fará presente a esse encontro apresentando diferentes programas desenvolvidos pelo estado. O desenvolvimento sustentável, hoje, está na pauta dos diversos agentes econômicos e sociais. São inúmeras ações, muitas delas em diferentes graus e estágios de implantação.

O Brasil, como país sede dessa Conferência, tem se esforçado para liderar uma mudança em nível mundial para economias mais verdes. Aos poucos, o mundo se conscientiza de que é preciso o engajamento de todos para quebrar paradigmas

e trabalhar para salvar o planeta. Avaliando as conferências anteriores, reconhece-se que, apesar de muitos céuticos não acreditarem em seus resultados, houve avanço em algumas questões ambientais. No entanto, foram poucos.

Novas evidências científicas apontam para a gravidade das ameaças que enfrentamos. A mudança climática e a perda da biodiversidade afetam negativamente os ganhos de desenvolvimento. A questão a ser por todos equacionada é: como conjugar crescimento e desenvolvimento com equilíbrio ambiental? Os desafios são grandes e requerem respostas urgentes. O desenvolvimento sem planejamento, ou seja, não sustentável, aumenta a pressão sobre os já limitados recursos naturais do planeta e a capacidade de carga dos ecossistemas.

Precisamos integrar o desenvolvimento sustentável em todos os aspectos da maneira como vivemos. É preciso trazer essa discussão mundial para nossas cidades e transformá-las num lugar melhor. Administrações inteligentes e comprometidas com o futuro incorporam questões ambientais e sociais em suas políticas e fortalecem seus compromissos com o desenvolvimento sustentável.





Jongo de Piquete: um novo olhar

A valorização da cultura e dos artistas piquetenses foi um dos motivos que levou à instituição da Fundação Christiano Rosa, em 1997. É na cultura local que acabamos por descobrir que existem artistas que nunca se revelaram por inexistência de um incentivo e de um espaço para tal. Pessoas que conhecem as artes familiares dos tricôs, crochês e barbantes. Dos desenhos, pinturas e trançados das taquaras. Que conhecem a sabedoria dos antigos, que tratavam as doenças com ervas, chás e remédios caseiros. Pessoas que aprenderam com seus antepassados a “rezar” cobreiros, quebrantos, maus-olhados etc. Que sabem fazer doces caseiros e são portadores das tradições culinárias de diversas etnias. E, também, homens e mulheres que teceram no passado, e tecem, ainda no presente, histórias de lutas e de solidariedade importantes de serem contadas e recontadas para as gerações futuras.

Foi nesse contexto que a Fundação se aproximou, em 1997, da comunidade jon-

gueira piquetense, passando a incentivá-la e a apoiá-la em seus trabalhos. Buscou, também, em seus arquivos, subsídios para o registro da memória jongueira, pesquisa que resultou na elaboração de documento que, juntamente com as de outras comunidades jongueiras, justificou o tombamento, pelo IPHAM, do jongo da região sudeste do Brasil como patrimônio imaterial do país.

Em 2007, com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, por meio do Programa de Apoio à Cultura, o grupo de Jongo de Piquete publicou o livro “Jongo de Piquete: um novo olhar”, que visava a resgatar os valores ligados à história do Jongo, despertando a autoestima da comunidade afrodescendente na cidade de Piquete e aumentando o conhecimento sobre as raízes e as tradições da cultura negra.

A presença do Jongo em Piquete faz do município um dos poucos do Sudeste brasileiro a preservar esta rica manifestação da cultura negra. Aqui ele resiste ao tempo. Nos últimos anos, tornou-se referência no

Vale do Paraíba e, desde então, apresenta-se em várias regiões do país. O grupo cresceu, fortaleceu-se e identificou a necessidade de efetivar maneiras de preservar sua cultura em Piquete, especialmente entre as crianças e jovens da comunidade negra. Em 2009, com o apoio da Fundação Christiano Rosa, foi instalado o Ponto de Cultura “Jongo de Piquete: um novo olhar”, com o objetivo de aumentar a visibilidade do jongo, ampliando-se, assim, seu poder de mobilização, de ações e de realizações. Busca-se, assim, promover sua autoestima e garantir, com informações corretas, a transmissão da tradição e dos costumes do jongo. Além disso, o Ponto de Cultura proporciona aos seus integrantes a possibilidade de geração de renda por meio do desenvolvimento de habilidades proporcionadas pelas atividades do projeto.

Recentemente, o Ponto de Cultura editou uma nova edição do livro “Jongo de Piquete: um novo olhar”, que pode ser adquirido junto à comunidade jongueira.

“Nem tão alta cortesia Vi eu jamais praticada Entre os Tupis”

Gonçalves Dias

O velho Tupi continua dizendo aos Timbiras que os de sua tribo eram “Senhores em gentilezas”.

Gentileza se emparelha a cortesia? Só os da corte podem ser cortesões? Podem ser gentis?

Que é refinamento? Que é polidez?

É um óleo de peroba que passamos nos móveis de madeira para que pareçam sempre novos e bonitos?

O ser humano tem duas faces: de um lado, é uma criatura de Deus; do outro, ele é um cidadão.

Isto implica: ele tem de comportar-se como tal; tem de ser tratado como tal.

A criatura divina está no mundo para construir o Reino de Deus. O cidadão nasce para construir sua Pátria com seu trabalho e colaborar para que todas as Pátrias possam progredir.

O ser humano, criatura de Deus, ou cidadão, nunca está fora de contexto. Ele

está onde deve estar. Só ele pode decidir ir daqui para lá, vir de lá para cá.

Em todos os seus relacionamentos deve assumir sua condição de integridade e completude e exigir que seja tratado como ser íntegro e completo.

Mas o ser humano está sujeito a falhas. Mesmo em situação de erro ninguém pode ignorar que ele é uma criatura de Deus ou um cidadão.

Em Piquete, temos dois casos que desafiam o tempo e a memória: Luttgardes Oliveira, diretor do Ginásio Diurno da FPPV; e Eurico Fernandes Filho, mestre de Mecânica, que assumiu, às vezes, a direção do Ginásio Industrial da FPPV na ausência do diretor.

Ainda hoje dizem os alunos que infringiam os códigos escolares: sentimos mal-estar lembrando a delicadeza e a sutileza no exame de nossas falhas; a voz sempre baixa e pausada, a argumentação inteligente do professor Luttgardes e do mestre Eurico nos deixavam mudos e desarmados, desejosos de nunca mais comparecer a entrevista semelhante.

Estes estudantes tiveram a felicidade de

conviver com dois educadores – que entendiam que o jovem, enquanto aprende, comete erros, assim como o pesquisador falha muitas vezes em suas experiências.

Só que o pesquisador é adulto e percebe o erro.

E o adolescente precisa de alguém que o convença de que está errado.

O significado do vocábulo respeito ficou prejudicado por causa das instruções que recebemos desde crianças: respeitar os mais velhos, respeitar as autoridades.

Isto parece limitar: uns são dignos de respeito; outros não.

A gentileza não enxerga diferenças de classe, de poder econômico, de etnia, de religião.

A gentileza predispõe à generosidade, mas também à indignação. Não tolera injustiça. Busca sempre o bem de todos só pela força do direito.

Gentileza não tem preço, não recebe salário.

Quando morrer, levarei comigo para o túmulo uma imensa dívida – das muitas e muitas e muitas gentilezas que recebi.

Abigayl Lea da Silva